

A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno 4\$000 réis.

Numero pago á entrega. . . 3090

N.º 35 — VOL. III.

Sabbado 20 de Agosto de 1859.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno . . . 4\$300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . . 5\$000

Summario.

ARTIGOS — Historia da actualidade — Palacio do governo, em Pernambuco — Theatro de Santa Isabel, em Pernambuco — Olivier Goldsmith — Quadras historicas, continuacão — O vapor Lusitania — Van-Dick, continuacão — Alva Estrella, conclusão — Despedida — Coisas de que eu gosto — Miscellanea.
GRAVURAS — Deberas cantando e dançando diante do patriarcha — Palacio do governo, em Pernambuco — Theatro de Santa Isabel, em Pernambuco — O vapor Lusitania.

Historia da actualidade.

Celebraram-se hoje, na egreja de S. Vicente de Fora, os officios funebres por alma de sua magestade a rainha a senhora D. Estephania, de saudossissima memoria. Sua magestade el-rei o senhor D. Fernando, e suas altezas assistiram a este acto, bem como o corpo diplomatico, a corte, muitos funcionarios, e immenso povo. O deão da sé, o senhor D. José de Lacerda, foi quem recitou a oração fúnebre.

Reuniram-se com effeito no dia 9 as conferencias de Zurich, sendo os plenipotenciarios: por parte da França o barão de Bourqueney e o marquez de Benneville; pela Austria o conde Coloredo e o barão Maseburg; e pela Sardenha o cavalheiro Desambrois.

Parece indubitavel que os soberanos dos ducados italianos serão restituídos aos seus estados. Acrescenta-se que darão amnistia, e instituições liberaes.

Segundo um jornal de Vienna estacionário no reino Veneto, durante o inverno, duzentos mil homens, commandados pelo feld-marechal barão de Hess.

Os habitantes de Ancona submeteram-se á santa sé, enviando a municipalidade uma deputação para manifestar ao santissimo padre Pio IX os sentimentos de dedicacão e fidelidade da maioria da povoação.

Em Hyde-Park houve um meeting de mais de vinte mil pessoas. Alguns dos que a elle concorreram declararam que era preciso sacudir o jugo dos proprietarios das fabricas, e emanciparem-se de similhante servidão.

A insurreicão da India ingleza continua a dar cuidado á metropole. Temia-se que a rebelião das tropas da companhia animasse de novo os indigenas.

Foi agraciado com o titulo de visconde de Loures, em verificacão da segunda vida, o senhor Angelo Francisco Carneiro.

A saude do rei da Prussia continua melindrosa, e ha grandes receios pela sua vida.

A ida da esquadra ingleza a Alexandria faz temer complicacões no Egypto

Nas camaras inglezas declaron lord Russell, que a apresentacão da correspondencia de lord Cowley teria grandes inconvenientes, porque dificultaria as negociações para a celebração do congresso europeu.

Em França creou-se uma medalha, que será concedida a todos os soldados e marinheiros que tomaram parte activa na ultima guerra d'Italia.

Os annamitas, que tem sido derrotados successivamente pelas tropas alliadas (francesas e hespanholas), manifestaram desejos de entrar em negociações de paz.

Parece que a Austria faz seria resistencia ao congresso europeu, de que se tem fallado. Mas ainda que essa potencia se não oppozesse, não é de suppor que tivesse logar o congresso por causa do papa, que não permitiria a tres estados não catholicos serem juizes das reformas que devem ter logar nos seus estados.

O senhor Joaquim José Dias Lopes de Vasconcellos, conselheiro d'estado extraordinario, foi

nomeado vogal effectivo do conselho ultramarino.

Com muita razão diz um jornal, que a questão mais immediata não é nem a guerra entre a França e a Inglaterra, nem a guerra contra a Prussia; mas sim saber se depois da paz de Zurich, a França e a Austria ficarão amigas obrando de commum accordo na Italia; ou se a antiga rivalidade entre ellas tomará vulto, e se desinvolverá de novo, passados os primeiros mezes.

Teve logar em Francfort uma seria pendencia entre soldados prussianos de um lado, e austriacos e bavaros do outro. No dia seguinte recommçou o molim com muito mais encarnicamento, havendo grande numero de feridos, e alguns de muita gravidade. Tomaram parte neste conflicto cerca de quinhentas pessoas. Talvez d'este facto se possa inferir o estado das relações de boa amizade entre a Prussia e a Austria.

Suppõe-se que a esquadra ottomana será posta ás ordens do commandante da esquadra ingleza, que já noticiámos ter chegado a Alexandria.

Afirma um jornal francez, de ordinario bem informado, que o imperador d'Austria enviara ao principe da Prussia uma carta autographa tendente a estreitar a amizade entre ambas as cortes.

O enviado da confederacão suissa em Napoles formulou a sua exigencia afim de obter a entrega das bandeiras dos antigos regimentos suissos; a mudanca do uniforme dos actuaes regimentos; e a suppressão da denominacão de suissos, dada aos regimentos estrangeiros.

Em Meda uma mulher disparou uma pistola contra seu marido, que felizmente não foi victima. A heroína está presa.

O vice-rei do Egypto celebrou uma convenção com mr. de Lesseps, pela qual aquelle se compromette, no caso da liquidacão eventual da sociedade do isthmo de Suez, a tomar todos os direitos e material d'esta sociedade pelo reembolso completo dos accionistas.

Foi elevado á grandeza, com o titulo de conde de Villa Pouca, o senhor Rodrigo de Sousa Teixeira da Silva Alcoforado.

O senhor D. José Salamanca realisou, no dia 13 do corrente, no banco de Portugal, o deposito de quarenta mil libras a que se obrigou pelo artigo 59 do contracto.



Deberas cantando e dançando diante do patriarcha — Vide n.º 32.

provisorio celebrado com o governo sobre a construção e exploração dos caminhos de ferro de Lisboa ás fronteiras de Hespanha, e á cidade do Porto.

— Durante o anno de 1858 entraram no porto do Rio de Janeiro cento e cincoenta e cinco navios de diferentes nações, entre os quaes noventa e seis portuguezes, com cincoenta e cinco mil quinientas e uma toneladas, e tres mil e trinta e cinco pessoas de tripulação.

— Os plenipotenciarios deputados ás conferencias tem sido objecto das maiores atenções por parte do governo federal. Foram recebidos officialmente na estação dos caminhos de ferro pelo conselheiro do estado de Zurich.

— A nova corveta a vapor D. Estephania, conduzirá brevemente para a ilha da Madeira o primeiro batalhão d'infanteria n.º 40, que não pôde ir no Mindello, como já annunciámos, pela pouca capacidade d'este barco.

— O conselho de saude publica declarou, que se deve considerar infeccionada de febre amarella a Serra Leoa.

— Na cidade da Guarda houve um grande incendio em um predio pertencente ao senhor Ribas, rico e acreditado negociante d'aquella cidade. O fogo pegou n'um armazem de fazendas, communicando-se depois aos andares, onde tudo devorou. Calcula-se o prejuizo em mais de cem contos de réis.

Palacio do governo, em Pernambuco.

A vista que apresentamos mostra a fachada e lado oriental do palacio do governo da provincia de Pernambuco, residencia ordinaria dos presidentes, como primeira autoridade da provincia. Está edificado na extrema septentrional do bairro de Santo Antonio, sendo banhado do lado occidental pelo rio Capibaribe, que ali se junta com o Biberibe vindo do norte, e depois correndo juntos pelo nascente para o sul entram no porto. A sua localidade é excellente, olhada como ponto de vista, ou como ponto de defesa, pois com uma pequena força que defendia as embocaduras das ruas da Cadêa e Florentina, pelas quaes se communica com a cidade, fica vedada a entrada no largo pelo lado de terra. Também se communica com o bairro do Recife por uma extensa ponte de madeira, concluida em 1856, denominada *Ponte Provisoria*. É pena que o largo, que é a maior praça de Pernambuco, não esteja calçado e arborizado como as praças regulares da Europa; mas é de crer que á vista dos progressos materiaes da cidade, e depois de concluida a muralha do caes em volta do largo, a camara municipal olhe com a attenção devida para este logar. O palacio foi mandado construir em 1838 por Francisco do Rego Barros, (hoje visconde da Boa Vista) então presidente da provincia. Tem salas espaçosas e bem mobiladas. Aqui o presidente despacha e dá suas audiencias; e recebe nos dias de gala o cortejo a effigie do imperador em uma das salas destinada para esse fim. O largo do lado do nascente tem sómente o caes; do sul, um pequeno quartel, e parte do convento de S. Francisco; do poente, o theatro de Santa Isabel, e a casa da guarda do palacio.

Theatro de Santa Isabel, em Pernambuco.

Apresentamos a fachada e lado meridional do theatro de Santa Isabel, um dos primeiros edificios publicos de Pernambuco. A estampa dispensa-nos da sua descripção exterior, e só diremos alguma coisa do seu interior.

Tem bastantes defeitos como todas as obras dos homens, sendo o principal a entrada para a platêa na primeira ordem dos camarotes e muito acanhada, e a platêa extremamente pequena para a população da cidade, pois apenas pode conter duzentas e cincoenta pessoas. Tem quatro ordens de camarotes, tendo a primeira vinte e seis; a segunda vinte e quatro, e no centro a tribuna para o presidente; a terceira vinte e sete; e a quarta dezeseis, sendo o centro occupado pelas

varandas. Os camarotes, que são espaçosos, tem as divisões sómente á altura dos peitoris, ficando assim com melhor vista e mais arejados. Os peitoris são um gradeamento de ferro, deixando ver o trajar completo das senhoras. Os corredores são largos e arejados pelas janellas lateraes que se vêem na estampa, dando cada uma das janellas para dois andares: os camarotes são, pelo interior e frente, pintados de branco com frisos dourados, que muito realçam. Tem um excellente lustre de vidros com sessenta e quatro luzes de azeite; mas é de crer que com a recente illuminação a gaz na cidade, o governo, ou os empresarios introduzam este melhoramento no edificio. Correspondente á segunda ordem tem um magnifico salão que occupa toda a frente do edificio, tendo saída para o terraço que fica por cima da entrada que se vê na estampa; este terraço, columnas, cornijas, e cunhaes é tudo de cantaria fina de Lisboa. O scenario também é pequeno, tendo porém um excellente machinismo para mutações de scena. É para lamentar que, sendo principiado a edificar em 1840 (por uma sociedade particular, á qual o governo o comprou ainda antes de concluido) em terreno roubado ao rio, sendo necessario aterral-o, e tendo logar para se estenderem, fizessem um edificio de tanto gosto e tão pequeno.

Representou-se n'elle pela primeira vez, a 4 de Julho de 1850, sendo presidente da provincia Honorio Hermeto Carneiro Leão, depois marquez de Paraná, e hoje fallecido. O primeiro espectáculo foi o excellente drama de Mendes Leal, *D. Maria de Alencastro*; e o seu primeiro empresario, o nosso excellente artista Germano Francisco d'Oliveira, que o é actualmente. Tem tido varias companhias dramaticas, incluindo uma do primeiro actor brazileiro João Caetano dos Santos, que aqui colheu corças e ovações pouco vistas. Tem também cantado n'elle alguns cantores italianos; mas companhia regular só teve a primeira de Junho a Dezembro de 1858, que, sendo companhia de terceira ou quarta ordem, fez aqui *furor*, e despertou no publico o gosto pelas companhias lyricas. Os cofres de fazenda provincial contribuem para sustentação do theatro com um subsidio annual de trinta e dois contos de réis (moeda fraca), sendo doze contos de réis para companhia dramatica em um semestre, e vinte contos para a lyrica em outro.

Recife de Pernambuco, 24 de Junho de 1859.

M. J. PEREIRA MARINHO.

Oliver Goldsmith.

ESTUDO BIOGRAPHICO POR MACAULAY.

Oliver Goldsmith foi um dos mais agradaveis escriptores inglezes do seculo XVIII. Pertencia a uma familia protestante e d'origem saxonica, mas que havia muito estava estabelecida na Irlanda, e que, como em geral acontecia a todas as familias d'esta ordem, tinha sido perseguida em tempos tumultuosos pela população indigena. Seu pae Charles Goldsmith, estudara, debaixo do governo da rainha Anna, na escola da diocese de Elphin; ali se affeição á filha do seu professor, com quem se casou, e depois de tomar as ordens, foi-se estabelecer em Pallas, pequena aldeia no condado de Longford, aonde com difficuldade conseguia sustentar a mulher e seus filhos com o pouco que adquiria em parte como parochou e em parte como lavrador.

Em Pallas nasceu Oliver Goldsmith em Novembro de 1728. Aquelle logar estava n'aquella epoca, para todos os usos da vida, tão afastado da activa e esplendida capital na qual pászou os ultimos annos da sua existencia, como estará hoje qualquer espaço cultivado nas florestas do Canadá Inferior, ou qualquer campina aonde pastam as ovelhas da Australia. Até ao dia de hoje o entusiasta que se atreva a fazer uma romaria ao berço do poeta, tem que andar a pé a ultima parte da sua jornada. Esta aldeia fica longe de todas as estradas n'uma agreste planicie que em tempo chuvoso se converte frequentemente n'um lago. As azinhalgas por aonde tem de passar partiam em pedaços

tudo e qualquer carro, e ha covas e barrancos por aonde seria impossivel arrastar rodas da mais forte construcção.

Em quanto Oliver era ainda creança, seu pae foi transferido para uma parochia no condado de Westmeath, que lhe poderia render duzentas libras annuaes. Em consequencia de que a familia deixou a sua habitação no deserto, e foram residir n'uma casa espaçosa, que dava sobre uma estrada frequentada perto da aldeia de Lissoy. Ali aprendeu o rapaz as suas primeiras letras debaixo da direcção de uma criada, e quando tinha sete annos frequentou um collegio d'aldeia, aonde um velho quartel-mestre dizia ensinar só ler, escrever, e arithmetica, mas que possuia um fundo inesgotavel de historias de almas do outro mundo, de fadas, a respeito dos grandes chefes da Rapparee, de Baldearg ODonnell, do Hogan gallo-pante, e sobre as proezas de Petreborong e Stanhope, a surpresa de Montjuich, e do glorioso desastre de Brihuesca.

Este homem era por certo da religião protestante, mas era da raça indigena, e não só fallava a lingua irlandeza, mas podia improvisar versos sem fim na mesma lingua. Oliver cedo se tornou um admirador apaixonado da musica irlandeza, e este gosto durou-lhe toda a vida; sobretudo amava as composições de Carolan, de cuja harpa elle ainda ouviu as derradeiras notas. Deve-se acrescentar que Oliver, ainda que natural de Inglaterra, e ligado estreitamente á religião da igreja anglicana, nunca sentiu aquella antipathia desdenhosa, com que n'aquelle tempo a minoria reinante costumava em geral olhar a maioria conquistada. Tão pouco entrava nas opiniões e sentimentos da casta a que pertencia que tinha em aversão a gloriosa e immortal memoria, e mesmo estando George III no throno affirmava que sómente a restauração da dynastia desterrada podia salvar o paiz.

Da modesta academia do velho soldado retirou-se Goldsmith quando tinha nove annos d'idade. Frequentou varios lyceus (Grammar-Schools) e adquiriu algum conhecimento de humanidades. N'esta epoca da sua vida estava longe de ser feliz. As suas feições, como se vê pelo admiravel retrato que existe em Browle, eram proeminentes a ponto de o tornarem feio. Estava marcado pelas bexigas em summo grau. A sua estatura era pequena, os seus membros mal proporcionados. Entre rapazes ha pouca indulgencia para com os defeitos physicos, o a apparencia ridicula do infeliz Oliver era exaggerada pela sua candidez extraordinaria, e inclinação para ser desastrado que elle conservou até o fim da sua vida. Tornou-se o alvo commum do escarneo tanto dos professores como dos seus discipulos; era apontado como um espantallo no recreio, e fustigado como mandrião e estúpido na aula. Quando se tornou eminente, muitos recordaram-se dos primeiros annos da sua vida, e citaram respostas e quadras que lhe tinham escapado, e que n'esse tempo haviam passado desapercibidas, e que vinte annos depois eram olhadas como indicações do talento que produziu o «*Vicar of Wakefield*» e o «*Deserted Village*».

Aos dezeseite annos Oliver foi para «*Fernity College*» em Dublin, como *sizae*. Os *sizae* não gastam nada nem na sua instrucção, nem no seu alimento, e mui pouco no seu alojamento: mas tinham que desempenhar certas obrigações servidas quaes ha muito tempo estão dispensados. Variam o pateo, iam buscar o jantar aos bachareis, e serviam á mesa dos reitores. Goldsmith estava aquartelado com outros n'uma trapeira em cuja vidraça o seu nome escripto por elle, se lê hoje com interesse. D'estas trapeiras muitos homens se tem elevado para a camara dos pares, ou para a cadeira episcopal. Mas Goldsmith em quanto soffria todas as humiliações da sua posição, desprezava as vantagens que podia ganhar. Era negligente nos estudos, fazia má figura nos exames e perdeu o seu logar na classe por um gracejo durante a preleção. Foi severamente reprehendido por lançar agua de uma bomba, sobre um *constable*, e foi fustigado por um professor bruto por ter dado um baile nas aguas furtadas do edificio a alguns mancebos, e donzellas da cidade.

Em quanto Oliver vivia em Dublin entre o infortunio e uma dissipação de mau gosto, falleceu seu pae, deixando apenas uma bagatella. O mancebo conseguiu tomar o seu grau de bacharel, e deixou a universidade. Passou depois algum tempo na modesta habitação á qual sua mãe viuva se havia retirado. Tinha então vinte e um annos, e era necessario que se applicasse a alguma coisa. A educação parecia tel-o só habilitado a vestir-se com côres vivas, de que elle era tão apaixonado como uma pega, jogar, cantar arias irlandezas, tocar na flauta, pescar de verão, e contar contos de fadas em torno do lume nas noites de inverno. Tentou applicar-se de cinco ou seis diferentes modos, mas sem resultado. Quiz tomar ordens, mas como appareceu vestido de vermelho, foi rejeitado. Foi depois mestre n'uma casa particular de onde foi logo despedido em consequencia de uma questão sobre o jogo. Resolveu depois emigrar para a America, e a sua familia com satisfação o viu partir bem montado com trinta libras na algibeira. Mas voltou no fim de seis semanas a cavallo n'um miseravel sendeiro, e sem vintem. Informou a sua mãe que enquanto elle estava n'uma excursão de recreio, tendo apparecido um vento favoravel, o navio em que elle tinha pago a sua passagem viu-se na necessidade de partir deixando-o em terra. Resolveu depois applicar-se á magistratura. Um parente generoso adiantou cinquenta libras para esse fim. Com esta quantia partiu Goldsmith para Dublin, mas foi induzido a entrar n'uma casa de jogo, aonde perdeu até o ultimo real. Lembrou-se então da medicina. Arranjou-se uma pequena subscrição com que foi para Edimburgo. Ali passou deztoito mezes frequentando as aulas só de nome, e adquiriu algum superficial conhecimento de chimica e historia natural. D'ahi partiu para Leyde ainda com o pretexto de estudar a medicina, e deixou essa celebre universidade, a terceira que elle tinha frequentado, aos vinte annos de idade, sem ter tomado grau, e com um leve conhecimento da sciencia medica, e tendo de seu o que vestia e uma flauta. A flauta é verdade que lhe serviu de muito. Viagou a pé por Flandres, França, e Suissa, tocando arias na flauta, ao som da qual dançavam os camponeses, recebendo em paga uma ceia, e cama para aquella noite. Percorreu até á Italia, os seus talentos musicaes não eram de um genero que agradasse aos italianos, mas pôde sustentar-se das esmolas que se davam ás portas dos conventos. Deveremos contudo observar que as historias que elle nos conta d'esta epoca da sua vida não se podem inteiramente acreditar, porque a verdade nunca foi uma das suas virtudes, e um homem inexacto por habito nas suas narrativas, é-o dobradamente quando trata das suas viagens. Na verdade Goldsmith dava tão pouco valor ao que dizia que affirmou n'um jornal ter assistido a uma conversação mui interessante entre Voltaire e Fontenelle, e que fóra em Paris que tivera logar este facto. E todavia é certo que Voltaire nunca esteve durante todo o tempo que Goldsmith passara no continente na distancia de cem leguas de Paris.

Continua.

LOPES DE MENDONÇA.

Quadras historicas.

Continuação.

IV

O IMPERIO ALEMÃO.

(Primeira epoca).

Como vimos, á morte de Carlos Magno succedeu a queda do grande imperio. Os successores do feliz conquistador prepararam por continuos desacertos a destruição da obra de Carlos; mas o povo, que respeitava ainda a memoria do heroe, offereceu a corôa a Arnolfo, bastardo d'essa illustre casa. Infelizmente, o seu governo foi uma serie de indignidades.

A Alemanha, cansada das fraquezas dos imperadores, e das continuas desordens dos seus reinados, foi escolher entre os nobres aquelle que lhe pare-

ceu mais digno de sentar-se no throno de Carlos Magno, e ser o senhor do vasto imperio do Occidente.

E' assim que o throno passa dos francezes para os alemães.

Entretanto, das tres grandes potencias que haviam dividido o mundo entre si: o imperio francez, o imperio sarraceno, e o imperio grego, só este ultimo conservava ainda um lampejo da sua gloria e lustre passado, não obstante as desgraças que o opprimiam, as sanguinolentas revoluções que o devastavam, e as disputas sobre religião de que o seu territorio era infeliz theatro.

O assasinio e a deposição dos soberanos desorganizaram-no interiormente; mas Basilio, o macedonio, consegue amparar o enfraquecido imperio, enlorando as suas armas com os loiros da victoria, e terminando as discordias religiosas.

Os sarracenos, que no principio d'esta epoca tinham florescido com o reinado de Al-Mumin, decaiam agora com espantosa rapidez. As armas do islam que, ainda ha pouco, tinham feito tremer Constantinopola, a Africa, e a Italia, chegando victoriosas até Roma, mal podem resistir aos christãos. As obras dos philosophos gregos, que se haviam familiarizado nos arabes, tinham-lhe creado o amor do bello e o estudo da sciencia; mas isso mesmo acaba com Montassem e Watik. Na Hespanha, onde o seu poder tanto se engrandecera, são pouco a pouco repellidos. Fernão Gonçalves, enthronisando Rademiro, principia a dynastia soberana de Castella, que, de concerto com as corôas de Aragão e Navarra, lhe vae tomando a Betica, a Gallecia, etc., e finalmente todo o territorio hespanico.

Na Italia não lhe é mais prospera a fortuna. A politica sagaz de Veneza, povo que no meio das assolações universaes se conservou incolume e poderoso, prepara-lhe a expulsão da peninsula italiana.

Admira-se como essa brilhante republica, fundada por um punhado de fugitivos que vão abrigar-se nos ilheos do Adriatico, alcança em pouco tempo a prosperidade externa e interna; empunha o sceptro dos mares, que gemem com o peso das suas esquadras; e conduz aos seus portos as riquezas asiaticas, que a tornam o emporio do commercio do mundo.

Alem d'isso, os turcos, povo barbaro e feroz, saído da Tartaria, e domiciliado nas margens do mar Caspio, apodera-se das bellas provincias da Asia musulmana, e, com o pretexto de defender os khalifas de Bagdad, usurpa-lhe o poder temporal, deixando-lhe apenas o titulo de chefes da religião.

Para a reorganisação universal carecia-se de um genio como o de Carlos Magno, que soubesse conter a turba de ambiciosos que disputavam, por meio de guerras exterminadoras, a posse d'este ou d'aquelle paiz. A Alemanha, que havia chamado Conrado ao throno, teve a gloria de apresentar no filho do novo monarcha as virtudes guerreiras de Carlos. Othon succede a Conrado no imperio alemão, e pela sabedoria do seu governo alcança o epitheto de grande, com que a Alemanha o laureou.

E' verdadeiramente em Othon o Grande que começa o imperio alemão, não menos brilhante que o antecedente. As suas numerosas conquistas estendem-se até ao Baltico.

O papa João XII dirigia então o governo pontificio; mas a sua autoridade temporal fóra usurpada pelo celebre Beranger. Othon é chamado pelo pontifice a Roma, afim de ser coroado como Carlos Magno o tinha sido, e reivindicar juntamente os direitos do papa. Vendo-se sagrado, e confiando no poder das armas, o imperador estabelece em Roma a supremacia do seu governo; consolida a paz, que os facciosos tinham alterado; e impõe ao mesmo papa o respeito de vassallo, conservando-lhe apenas o poder espiritual. João XII, arrependido de não ter antes soffrido os abusos do povo e de Beranger, peza-lhe ter pedido á Alemanha uma protecção que se voltou contra elle. Esperou pois que Othon, tendo apasiguado a revolta, voltasse aos seus estados, para assumir o poder que o imperador queria usurpar-lhe. Mas Othon, diligente e activo, volta com a rapidez do relampago; expulsa João XII da cadeira do Apostolo; reúne um concilio, que depõe definitivamente o pontifice; e offerece a outro a thiar.

João XII, porém, vindo que Othon havia passado novamente os Alpes, entra outra vez em Roma; forma um outro concilio; communha o imperador; e declara o direito que tem á supremacia sobre os

thronos do mundo. A morte, apressada pelos excessos em que gastou a existencia, veiu roubar-o então á cadeira pontificia.

Os romanos, cansados de tantas desordens, elegem Benedicto V, e promettem repellir com affinco a dominação estrangeira. Mas o grande Othon, que não queria perder nada do seu poderio, força os romanos ao respeito, e fal-os aceitar João XII, papa da sua escolha.

Tal era o genio de Othon. Activo e providente, superou todos os obstaculos pela rapidez com que correu a destruil-os.

Durante a paz entregou-se aos melhoramentos do imperio, ou a preparar a sorte das nações.

A Polonia, que havia abraçado o christianismo, chamou-lhe a attenção. Propoz-se a levantar da obscuridade aquelle sympathico povo, e teve a gloria de o erigir em reino. Boleslau I succeda os esforços de Othon, estendendo o territorio até ao Oder. Succedem no throno polaco outros soberanos, que elevam o paiz a um ponto de soffrivel grandeza. Miscelau II, reunindo as virtudes de um grande rei ás de um zeloso christão, governa da melhor maneira possível.

A morte veiu porém colher essa existencia que devia durar sempre. O reinado de Othon foi esplendido de heroicidades, e sublime de grandes feitos.

Passemos em revista a situação revoltosa do mundo que seguiu a morte do imperador, quando seus proximos successores regiam os destinos da Alemanha.

Extincto o grande genio que soubera conter as revoluções da Europa, a França, a Inglaterra, Roma e toda a Italia, a Grecia, a Polonia e a Hespanha, voltaram ás antigas dissensões. Só Veneza triumphou com a morte do imperador. Othon tinha-lhe declarado guerra simulada, attenuando-lhe as grandes vantagens que lhe dava o commercio com as possessões do imperio. Com a morte do monarcha alemão, a republica de S. Marcos readquiriu a sua brilhante grandeza. As esquadras, saídas dos seus vastos arsenaes, povoaram novamente os mares. Une a si a Dalmacia, que se lhe sujeita, fatigada das devastações dos barbaros.

O resto das nações offerece o contrario d'esta grande potencia.

A França geme sob o jugo de reis fracos, que, em vez de conterem os grandes na sua desmedida ambição, fazem com que o feudalismo se torne a execração dos povos. O veneno e o ferro acabam a vida dos soberanos; até que o povo, exasperado por tão consecutivos soffrimentos, deu o throno a Hugo Capeto, cujos descendentes ali se conservaram oitocentos annos. O distincto capitão, que defendera os francezes contra a invasão normanda, tinha sobejos direitos ao sceptro. O seu reinado nada deixou a desejar.

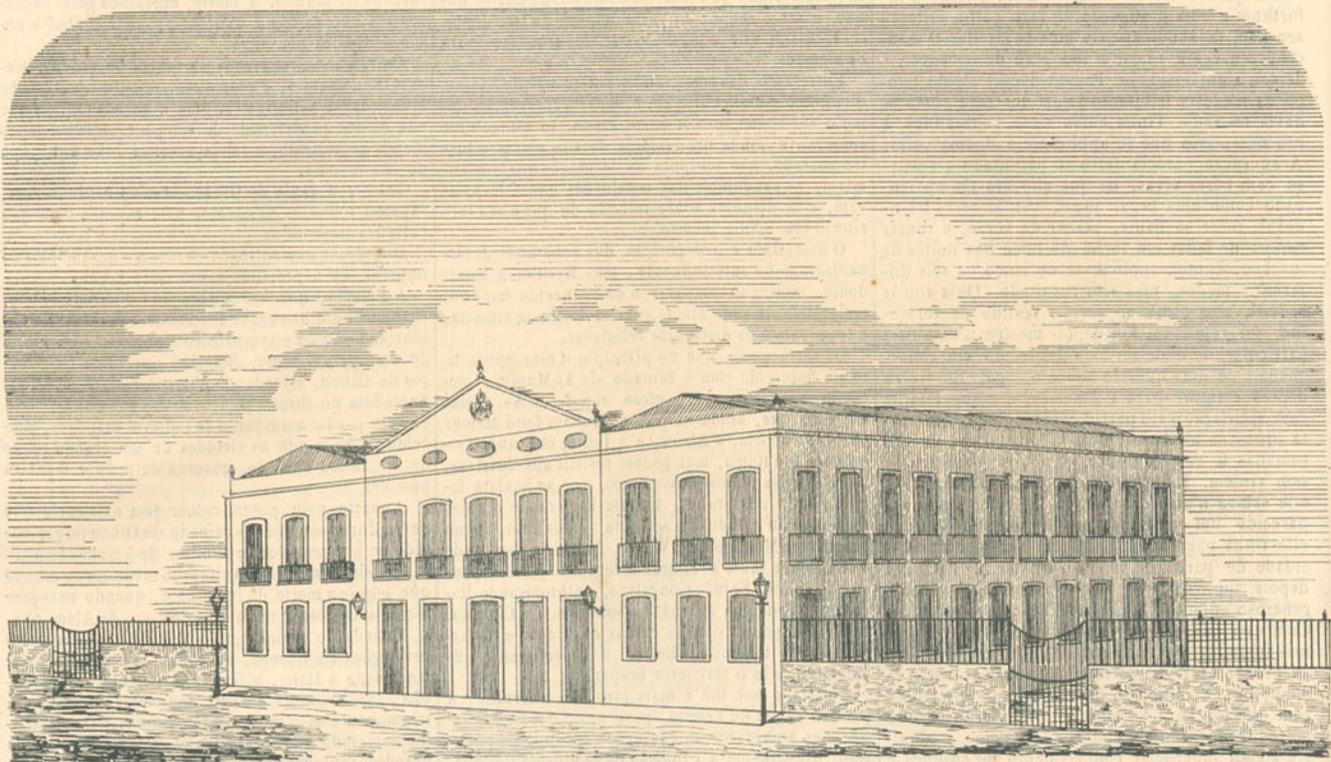
Quanto á Inglaterra, depois de ter fruido os bellos tempos de Alfredo-o-Grande, de Adetstan, e de Edgardo, o David d'Inglaterra, vê dois luctadores disputarem com furor no seu territorio a posse do throno. Final, é chamada a reinar a casa de Saxe, d'onde sae Eduardo, cujas virtudes christãs correm apar das idéas liberaes, e dos conhecimentos governativos. A memoria d'esse rei é ainda hoje respeitada entre os inglezes na obra monumental da sua nação, chamada a magna carta.

A prematura morte de Eduardo entrega de novo o paiz á cubia dos dinamarquezes. Mas o duque de Normandia consegue, pela sorte das armas, expulsar os d'Inglaterra, e fazer-se collocar no throno britanico com o nome de Guilherme-o-Conquistador. O seu reinado e o de seus mais proximos successores dá uma pouca de tranquillidade á Inglaterra, apesar da discordia que a ambição do clero fazia germinar no interior.

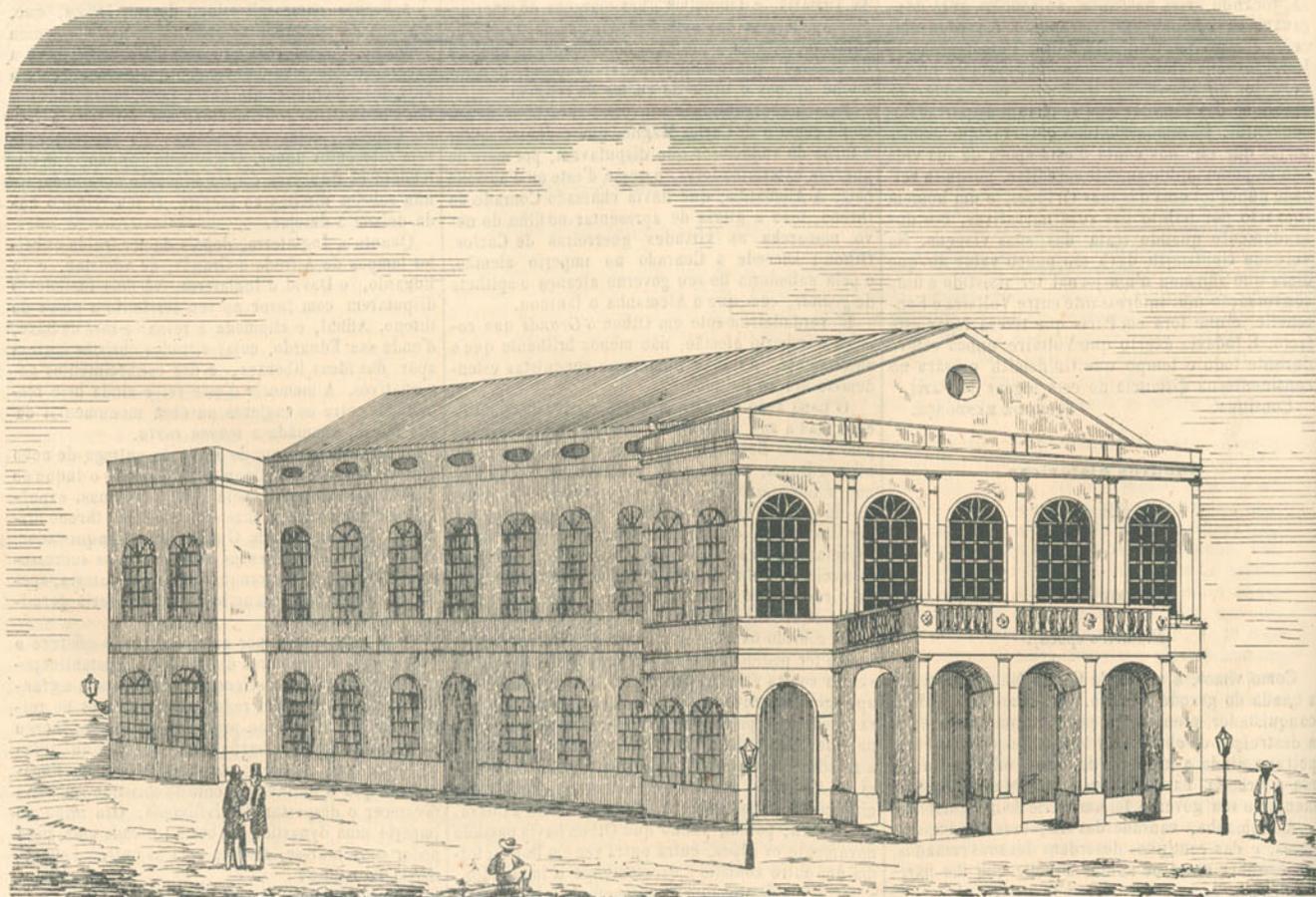
O imperio grego, por outro lado, não offerece o espectáculo de menores dissensões. Constantinopola, séde das artes e sciencias, da elegancia e grandeza, é devastada em redor pelos barbaros no reinado de Ducas. O seu progresso quasi que fenecce ao sopro da invasão barbaresca, que tudo aniquilava, tudo fazia perecer; como acontecera na Europa, até que o desinvolvimento do christianismo veiu favorecer o despertar da civilisação. Ora reina no imperio uma dynastia, ora outra; e cada uma, para poder conservar-se, disputa com as outras a supremacia do crime!

Continua.

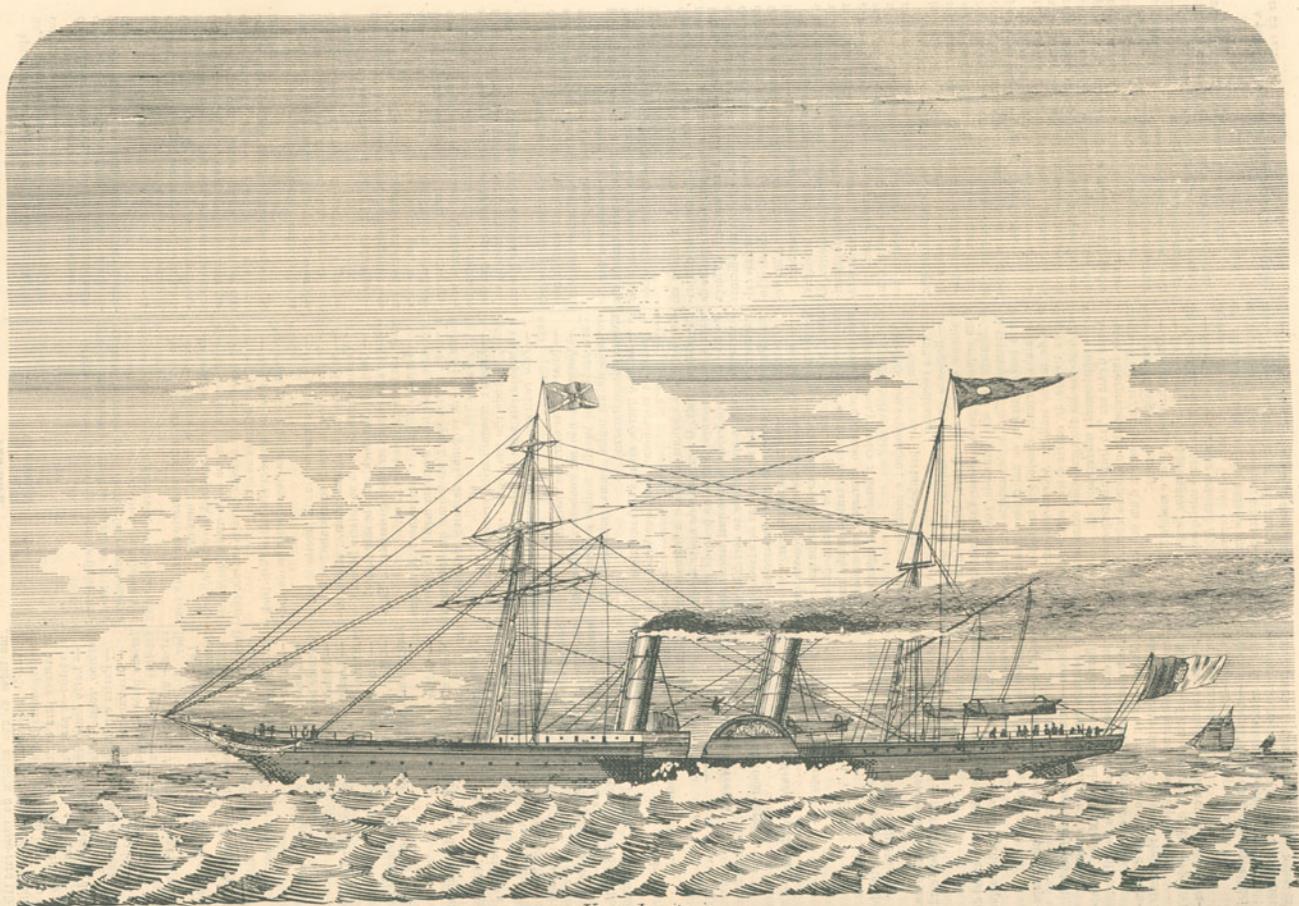
ALFREDO PIRES.



Palácio do governo, em Pernambuco.



Theatro de S. Isabel, em Pernambuco.



Vapor Lusitania.

O vapor Lusitania.

Apresentamos hoje o desenho do bem conhecido, e elegantissimo vapor *Lusitania*, pertencente á companhia do mesmo titulo.

A estampa, e o conhecimento que geralmente ha d'este barco poupar-nos-hiam o trabalho de o descrever, se não fosse costume satisfazer a curiosidade dos leitores, explicando os respectivos desenhos.

No meio dos infortunios a que estamos azevadados, e do mau fado que de ha muito nos persegue, exultamos ao ver qualquer progresso; e o jubilo que sentimos sobe de ponto quando o melhoramento recae sobre a marinha, convencidos como estamos de que só ella, de guerra e mercante, pode fazer com que sejamos ainda visitados por dias de prosperidade, eguaes a esses que de tão perto conhecemos quando *devéras* eramos uma nação maritima.

Os importantes melhoramentos introduzidos na marinha de todo o mundo, provam que as nações lhe dão o lugar que deve ter como representante da força e do commercio, do poder e da prosperidade.

Não é nosso intuito, n'um artigo onde tencionamos descrever o, para nós, mais elegante vaso da marinha mercante portugueza, lamentar, em phrase plangente, a sorte da patria, que, se para alguns é mãe ingrata, não tem todavia achado filhos ternos em todos os que teem sido encarregados de lhe regerem os destinos. Queremos unicamente fazer sentir que temos direito a entrar no gremio das nações cultas, senão no lugar que nos grangeou a posição que outr'ora occupámos na Europa, ao menos um pouco mais adiante do que nos achamos.

Este curto preambulo pode servir de protesto contra o que por ahí se vê, que, atestando a nossa decadencia, não deixa de clamar, alto e bom som, contra os culpados, a quem Deus perdoe.

Entrando por uma vez no assumpto a que nos propozemos, passemos, ajudados pela vontade que temos de fazer bem conhecidas as nossas coisas de merecimento, porque tambem as possuímos, a descrever o vapor *Lusitania*.

Este barco, construido com toda a solidez em Glasgow por John Reid & C.^{as}, mede de comprimento cento noventa e seis pés, vinte e quatro de bocca, e treze de pontal. A sua machina, da força de duzentos e vinte cavallos, foi feita nas officinas de Mac Nab e Clarck, de Greenock. Tem duas caldeiras e dois engenhos; os cylindros são oscilantes, e o systema de rodas é de patente. A sua velocidade é de quatorze e meia milhas por hora.

E' da lotação de trezentas e quatro toneladas; e accomoda trezentos e noventa passageiros, divididos por cincoenta e quatro beliches de primeira ordem, trinta e seis de segunda, e trezentos lugares de convez. Tripulam-no trinta e cinco pessoas, sob as ordens do senhor José Xavier Contente, actual capitão, que conserva o navio nas melhores condições possiveis.

Para completar esta noticia, devemos dizer que, havendo todas as commodidades que se podem desejar em viagem, é extremamente economica a passagem no *Lusitania*: na primeira camara dez mil réis; na segunda sete mil e quinhentos réis, e no convez dois mil e quatrocentos réis, são os preços porque se tomam os lugares a seu bordo.

O barco, com todas as condições necessarias para o serviço a que o destinaram, custou, no seu valor total, vinte mil libras, ou noventa contos de réis. Tendo apenas tres annos, porque foi construido em 1836, e tendo feito já bastantes viagens, deve, quando chegar a estado de não poder navegar, ter dado á companhia proprietaria vantajosos lucros, que muito lhe desejamos.

Sabemos que se mandou, ou vai mandar construir outro navio em tudo igual ao *Lusitania*, por conta da mesma companhia, e para ser tambem empregado na carreira do Porto. Em quanto não chega o caminho de ferro, é este o meio que temos de communicação com a segunda cidade do reino.

G. A. M.

A posse da coisa desejada diminue-lhe os quilates do valor.

Van-Dick.

Continuação.

IV

Graças ao conde Pallavicini, que se tinha constituido enfermeiro e medico moral do artista, o regimen marcado pelo doutor foi rigorosamente observado até ao fim. Van-Dick dormiu vinte e quatro horas: a febre diminuiu, e desapareceu totalmente.

No dia seguinte entrou no quarto um criado com a librê de Brignole, trazendo uma carta.

Pallavicini ajudava Van-Dick a vestir-se, e cobria-lhe as faces com um pó vermelho para disfarçar a pallidez. O objecto da carta era um convite do conde Brignole ao artista.

— Oh! que me querera elle! disse Van-Dick. Dar-se-ha o caso que me tivesse reconhecido hontem?

— O conde nunca te viu. E preciso ir ver o que te quer. Desejas que te acompanhe?

— Se desejar!... E alguma cilada... não importa! Vamos, vamos depressa ao palacio Durazzo.

— Cuidado, Van-Dick, não te sobressaltes!... olha que uma recaída seria perigosissima!... Estás ainda tão fraco... vaes vê-la... e...

— Tornar a vê-la?... isso nunca! Basta que veja só o conde: não é preciso mais! Oh! tornar a vê-la... para que? parece-me que expiraria diante d'ella de vergonha, de raiva, de desespero!... Vamos!

— Espera: tranquillisa-te primeiro. Naturalmente, o conde não tem pressa; guardemos pois a visita para esta tarde ou para amanhã.

— Pelo contrario, não percamos nem um minuto!

— Peior! eis-te outra vez apaixonado!

— Quem? tu não me conheces. Pallavicini! Tudo acabou; e aquella mulher é apenas a recordação de um sonho... uma lembrança... Vamos ao palacio Durazzo!

— Assim o queres, assim o tenhas. Vamos.

Apezar da magnificencia com que Van-Dick se vestiu, do ar que adoptou e do sorriso estudado, mal disfarçava a agonia intima e a fraqueza em que estava ainda. O seu modo de andar denunciava a convalescença. Metteu no peito do corpete a mão do braço ferido, sobre o qual lançou elegantemente a capa, e apoiando-se ao corrimão de marmore, assim subiu de vagar as escadas do palacio Durazzo, seguido pelo conde Pallavicini.

O conde de Brignole não os fez esperar.

— Senhor Van-Dick, disse elle, peço-vos que me desculpeis a minha indiscrição. Soube que estaveis n'esta cidade, e quiz ter a honra de vos conhecer, e de offerecer-vos tanto a minha amizade como o meu palacio. Durazzo é por costume a hospedaria dos grandes artistas; não digo a verdade, conde Pallavicini?

Van-Dick não respondeu; e inclinou a cabeça. Estava completamente perturbado pela bondade com que o recebiam.

— Rogo-vos que vos senteis, meus senhores, continuou o conde de Brignole. Desejo fallar-vos d'um pequeno negocio, senhor Van-Dick. Casei-me hontem; e, sem fatuidade vos affirmo, foi um casamento d'inclinações antigas: e para celebrar a nossa amizade, de um modo digno de nós e da minha fortuna, desejo que me faças o retrato de minha mulher. Affirmo-vos que ainda que eu tivesse de cobrir a tela com sequins de ouro, ficar-vos-hia tão agradecido como se m'o tivesseis simplesmente offerecido.

Ainda d'esta vez Van-Dick não respondeu; mas o conde interpretou-lhe o silencio como timidez natural d'artista, em presença d'um dos mais antigos e ricos fidalgos de Genova.

— Em que dia desejas ver o modelo?

— Hoje mesmo. Estou prompto. Respondeu em fim Van-Dick, de modo apenas intelligivel.

— Sois tão amavel, *senhor artista!* Andaes mais depressa do que eu tinha ousado esperar! Vinde; achareis no meu gabinete tudo de que deveis ter necessidade, telas, cavalletes, tintas, pinceis... tudo. Quero um retrato em pé como o da marquez de Velletri, que é um primor d'arte, co-

mo todos os que nascem do vosso raro talento!

Van-Dick deixava fallar o conde de Brignole sem lhe responder. O conde julgando já ter dito quanto bastava para exaltar o amor proprio do artista, voltou-se para Pallavicini e continuou:

— Então como ficou o nosso campeão da fonte Lerbino, conde Pallavicini?

— Partiu esta madrugada para Florença.

— Disseram-me que era um espadachim assalariado pelos Gippinos para assassinar-me! A idea faz-lhes honra! Meus senhores, queiram esperar-me um momento: vou prevenir minha mulher.

Logo que Brignole saiu, Pallavicini e Van-Dick trocaram um olhar d'afflicção.

— Toma um conselho de ruim cabeça, Van-Dick: some-te por essa escada abaixo... parte!

— Que diria o conde?!

— Não importa.

— Julgar-me-hia doído.

— E receio muito que endoideças d'aqui a um quarto de hora! Evita a desgraça.

— Abandono-me á força do destino.

— Lembra-te ao menos que estás ferido no braço direito.

— Pintarei com o esquerdo.

— Mas... cada vez te vejo mais tremulo e vacillante, Van-Dick! Vaes morrer diante da condessa...

— Melhor!

N'isto abriu-se a porta e a condessa appareceu.

Parecia que o reflexo da sua belleza illuminava a galeria. Até Pallavicini ficou surprehendido porque nunca a tinha visto tão formosa.

Trazia um vestido de seda preta, aberto sobre uma saia de setim branco bordada; as espadoas e os braços nus, ornados de preciosas pulseiras. Saudou com sorriso encantador os dois cavalheiros, e voltando-se para Van-Dick, disse-lhe de um modo que em vão tentariamos explicar:

— Estou á vossa disposição. E verdadeira honra para mim ser retratada por um artista como o senhor Van-Dick!

— Vamos, vamos á obra; disse o conde, introduzindo Van-Dick no gabinete de trabalho.

Continua.

Alva Estrella.

DRAMA EM CINCO ACTOS

Por José da Silva Mendes Leal Junior.

Conclusão.

SCENA VI.

OS MESMOS, D. MENDO, RICOS-HOMENS cobertos de sangue e pó, rompendo a multidão.

D. MENDO (*arremegando aos pés de Sisnando uma corda e um anel de escravo*) — Levarás esta corda e este anel!

D. BRITALDO — D. Mendo!

SISNANDO (*surpreso e incredulo*) — Um anel de escravo!... a mim?... Não viste a multidão que ahí n'esses plainos se estende?

D. MENDO — E' já escrava como tu.

SISNANDO — E não contaste com a minha espada?

D. MENDO — Eu tinha-te proposto um repto leal... Terias poupado esta vergonha se o acceptasses.

D. BRITALDO — D. Mendo, D. Mendo, se alcançaste este poder á custa de acção tão vil, como a d'este homem, quero ficar antes escravo.

D. MENDO — O teu resgate, e o resgate de Coimbra valia um preço real... paguei-o regimento.

SISNANDO — Altivezas d'essas é proval-as.

D. MENDO — Estão proxadas. (*a D. Britaldo*) Sangrava-me o coração de vos ver, tão nobre, caminhar a tamanha viltá.

SISNANDO — D. Mendo, esqueceis...

D. MENDO — Lembro-me. Cavalguei, appellidoei em torno de mim quantos seguiam vosso pro! Rompi com elles aos reaes do moiro... chegamos de uma carreira... Era noite... quasi todos os

nossos eorsets caíram ali mortos... Que importa-va?... Demos no infiel desapercibido... O grito de São Tiago restrugiu ao mesmo passo do outro lado... Era o alferes do conde que se adiantara, e também assaltava... Dois muros de ferro que desabavam encontrados n'aquella chusma. Penetrei breve na tenda real, e com a espada sobre o peito obriguei o almanzor a dar-me por seu resgate e salvação quantos eu encontrasse aqui... Cavalgámos de novo nos ginetes agarenos, e atravessando a cerração quasi n'um vôo, aqui chegámos a tempo, hem vês. Nem foi preciso combate... O temor fez mais do que as ordens do almanzor. O campo dos sitantes de Coimbra é todo nosso!

MAHUB (que saíra, voltando) — E' verdade, senhor. (consternação dos infieis, alvoroço dos de Coimbra).

D. MENDO — Não quizeste o combate, Sisnando... despresaste a espada de D. Mendo... Não tem remédio já agora... E's meu escravo!

SISNANDO — E quem te pede combate, D. Mendo?... Nem o quiz, nem o quero... O peso d'este braço ahi o tens assinalado n'aquelles muros vacillantes... e a vingança... a vingança é ainda maior para Sisnando vencido, captivo, escravo... do que para Sisnando vencedor!

D. BRITALDO — Não zombes, Sisnando... Bem o viste... a submissão também ás vezes é grandeza.

SISNANDO — Não zombo, não, D. Britaldo. Olhae lá se eu zombo... Por quem chegamos nós... por quem cheguei eu a esta perdição?... que motivo nos trouxe assim a fazermos das ruínas da patria a presa dos nossos combates?... O que temos nós disputado apar dos nossos odios... Dizei, dizei, vencedores... Dize tu, D. Britaldo; dize tu, D. Mendo; dize tu, Castinaldo... Onde está tua filha?... Onde está tua mulher?... Onde está tua irmã?... Virá ella cingir os loiros aos que triumpham?... Não... Está na tenda do captivo, do vencido, do escravo... E minha... E minha pois a vingança!... (corre as cortinas da tenda; á porta apparece Alva encostada a duas donzellas arabes, com um vaso d'ouro na mão).

SCENA VII.

OS MESMOS, ALVA.

D. BRITALDO — Alva, maldita sejas, infame!
CASTINALDO — Maldita para sempre a vil...
BERTHA (caindo de joelhos) — Oh! meu Deus, salvae minha mãe!

D. MENDO — Que vergonha! que vergonha!
SISNANDO — E agora, senhores, (arrojando aos pés a hacha a que se encostara) cingi-me os vossos grilhões, mostrae o vosso escravo... que já elle vos rasgou o coração com um golpe que hade sangrar longamente, e vos gravou na fronte um labeo que nunca mais se apagará.

ALVA (vindo custosamente ao meio amparada pelas donzellas) — Animo, animo, senhores, golpeae juntos, flagellae todos a um tempo a pobre mulher, que a seu modo martyrisou cada um... chamae sobre ella as maldições do ceo... arremeçae-lhe ás faces a vergonha dos homens... Andae, andae... Ella já pode ouvir-vos... é livre tambem!

CASTINALDO — Que fizeste?

D. BRITALDO — Que fizeste, que fizeste?!
ALVA — O que a nenhum de vós lembrava... libertei-me. Vêdes, senhores? vês este vaso, Sisnando? Trazia-o ao vencedor que ultrajava o nome e a velhice de meu pae... quer Deus que sirva ao vencido condemnado á mesma vergonha.

SISNANDO — E heide morrer sem vingança! (lança mão ao ferro, dá um passo com a espada meia nua. Assereña-se porém, deixa cair a espada na baina, e estende a mão a Alva) Obrigado, Alva... Fizeste bem... Deus te pague o teu ultimo beneficio.

ALVA — Repartiremos ao meio... não nos é tudo commum?... (a seu pae) E' o resgate que eu tinha reservado para me remir da vergonha... Agora é para ambos a liberdade.

D. BRITALDO — Um veneno!... Como?
ALVA (levando-o á bocca) — D'este modo!

D. BRITALDO (precipitando-se para ella e arrancando-lhe a taça) — Oh! filha, filha!... Ai, não! isso não!... Vive... vivei... que eu... eu não posso já resistir.

ALVA (indo para se lhe arremeçae aos braços) — Ah! (suspende-se) Perdoae-me, senhor pae!... Não basta. A vida? E' pouco... Por causa d'esta (indica a filha) é necessario mais. (nobremente) Meu pae, meu irmão, vós todos, ouvi-me. (para Sisnando) D. Sisnando, conde, foi por mim que soffrestes quanto pede soffrer um homem... E' vos devida vingança e desaffronta. (ajoelha a seus pés) Escravo Sisnando, queres tu honrar-me dando-me o teu nome?

SISNANDO (transportado, erguendo-a nos braços) — Alva, por ti posso ainda morrer grande!

CASTINALDO (crescendo para elles furioso) — Ainda mais vilipendios!

D. BRITALDO (impondo-lhe silencio em tom venerando e augusto) — Que é isto? (indica a todos o grupo) Vêdes esta desgraça?... (indica as muralhas da cidade) Vêdes aquellas ruínas?... E' a familia, é a patria que os nossos odios destroem... Basta... é tempo de acabarmos... São já um crime... D. Sisnando, o bispo hade-vos permittir que desposéis D. Alva... como eu agora vos absolvo e vos dou minha filha!...

ALVA E SISNANDO (deitando-se nos braços um do outro) — Ah!

CASTINALDO (timidamente) — Um inimigo!...

D. BRITALDO — Que nós... eu e tu, fizemos!

CASTINALDO (com vivo movimento de furor) — Meu pae!... (reflecte, muda subitamente de gesto e de inflexão) Foi Deus que fallou pela vossa bocca. (vae prostrar-se aos pés de Sisnando).

SISNANDO — Que fazeis?

CASTINALDO — Resgato as minhas offensas... cumprio a minha penitencia... imploro o meu perdão!

SISNANDO (nobremente) — Erguei-vos, meu irmão... O vosso perdão... é esta.

ALVA — E agora, Sisnando, que nos cumpre fazer?

SISNANDO (severo) — Aceitae essa generosidade... unirmo-nos ante os altares, como já o estavamos ante Deus, para que ella... (indica a filha) para que esta possa dizer sem vergonha o nome de seus paes; (a custo) depois...

ALVA (idem) — Depois...

SISNANDO — Não podemos já viver felizes, que entre nós e a felicidade assentou-se o remorso... Juntos seria offender a justiça de Deus e a honra d'esta terra... Depois... separamo-nos, para ir cumprir n'um mosteiro a expiação...

ALVA — Eu... dos nossos erros...

SISNANDO — E eu... do meu crime!

D. BRITALDO — Louvado sejaes, Senhor, que lhes tocastes a todos o coração!

SISNANDO — D. Mendo, quando a igreja nos houver a todos absolvido e desligado, quereis encarrregar-vos d'esta herança (indica a filha) que vos deixo... para me ir sepultar n'um claustro?

D. MENDO (transportado) — Tanta ventura!... Nem ousava já sonhal-a!

D. BRITALDO — Está acabado o homisio!... Prostremo-nos todos... agradeçamol-o a Deus! (prostra-se tudo).

SISNANDO (de pé) — Está... Floresçam as virtudes novas no seio da geração que fica (mostrando a filha e D. Mendo) e fechem-se os ultimos odios no sepulchro da geração que morre... para o mundo... E agora... abençoa-me, D. Britaldo, dae-me a vossa mão, Castinaldo... Abraçae-me, filha... abraçae-me, Alva. (para a filha) E' o primeiro... (para Alva) Hade ser o ultimo. (depois de ter buscado conter as lagrimas, e vencendo a sua commoção) Alva... deve ser... custa... mas deve. (solemne) E' força que nos separemos na terra... para só nos tornarmos a ver no ceo!

FIM.

Despedida.

(PARA RECITAR AO PIANO.)

Adeus! tu partes, a minha alma fica
Involta em dôr a suspirar por ti;
D'esp'ranças morto, na saudade immerso,
No peito as creanças apagar senti.

Eras meu anjo, o que adorava em sonhos
Por teus encantos e poder sem fim;
E agora foges qual desfeita em sombras
Fugia em sonhos a visão de mim!

Sei que esta ausencia que de ti me aparta
De todo quebra uma illusão d'amor;
Soffra isolado quem de ver te deixa,
Morra em lembranças de tristeza e dôr.

Lembranças, sim! que a tua imagem d'anjo
Irá n'esta alma transportada ao ceo;
Mas pensa e crê que se apartou do mundo
Quem louco e cego por te amar morreu!

Vae, parte, adeus! mas n'algun dia ao menos
No triste campo divagando só,
Recorda longe quem padee e chora,
Soffrendo vive sem mover-te dô.

D'angustia o brado que a minha alma solta,
Ligeiro vôa na amplidão dos ceos!
Meus olhos turbam-se ao morrer da esp'rança,
Meus labios tremem ao dizer-te — adeus!

Dezembro, 28 de 1858.

FRANCISCO SERRA.

Coisas de que eu gosto.

N'este mundo, tão velhaco,
Pequenas coisas ha
Pelas quaes dou o cavaco;
Talvez isto seja um fraco,
Mas fracos quem não terá?

Acho gosto em mil coisinhas
De que não gostam os mais:
Que quem? são coisinhas minhas;
Posso gostar de sardinhas,
Os gostos não são eguaes.

Gosto de ver um pacato,
Usuario de tremer,
Na rua feito beato;
E apparecer um gaiato,
Furtar-lhe o lenço, e correr.

Gosto de ver janotinha
Estudando posições;
E um padreiro, que caminha
Todo cheio de farinha,
Dar-lhe um ou dois encontrões.

Gosto de ver um jarreta,
Onde o sizo não chegou,
A namorar de luneta;
E um menino de jaqueta
A dizer-lhe: um bolo, avô.

Gosto do militar bello,
Que nos diz que á guerra vae
Metter tudo n'um chimello:
Mas, quando salva o castello,
Estremece e diz: ai, ai!

Gosto de ver preto rico
Uma branca a namorar;
Passar um homem com bico,
E chamar-lhe pae Fanxico,
Não parando de espirrar.

Gosto de ver uma dama
Com seu fato de estadão,
Em dia de muita lama,
Presna nas ruas d'Alfama
Por causa do seu balão.

Gosto de ver, mui gaiteira,
Uma velhota a dançar;
E em meio da brincadeira,
Ver cair-lhe a cabelleira,
Deixando a careca ao ar.

Gosto de ver velho prompto
A dançar, pedindo bis,
Sem dar aos annos desconto;
Tropeçar, e cair tonto,
Esborrrachar o nariz.

O agiota, alma de moiro,
Gosto de mui gordo ver
Carregado co'o thesoiro;
Soltar-lhe atraz bravo toiro,
E vél-o depois correr.

Gosto de ver damas varias,
Que ao café-concerto vão
Para ver as luminarias,
E ouvir essas lindas arias
Com pimenta e pimentão.

Gosto de muita patranha,
Que nos conta um militar,
Que não brigo em campanha;
Mas que fez grande façanha
Em fugir sem tropeçar.

Gosto de ouvir um valente,
Que se inculca por Samsão,
Diz que arromba toda a gente;
Mas, se um cão lhe mostra o dente,
Foge adiante do cão.

Gosto de ver o poeta
No seu furor de rimar,
Já, por fim, meio pateta,
A dar em si cacholeta,
Sem poder rima encontrar.

Gosto de ver, e ter visto,
O homem, que nada val,
Com seu habito de Christo...
E gosto que gostem d'isto,
Que escrevi, ou bem ou mal.

J. I. D'ARAÚJO.

A injúria é recurso de quem não tem educação.

Miscellanea.

GENERAL FILANGIERI, PRESIDENTE DO NOVO
MINISTERIO NAPOLITANO.

Carlos Filangieri, novo presidente do ministério de Francisco II, é napolitano, e filho do illustre autor da *Scienza da legislacão*. Tem setenta e seis annos, e é o general de mais capacidade, não só de Napoles, mas de toda a Italia, como o demonstrou em 1848, quando foi encarregado pelo defuncto monarcha, Fernando II, de pacificar a Sicilia, que estava então sublevada.

Bombardeou Messina por espaço de quatro dias, e ao quinto entrou por assalto n'aquelle baluarte da revolução. Teria feito o mesmo em Palermo, a não se metterem de permeio os almirantes de França e Inglaterra, que pediram e obtiveram um armistício. Seis mezes depois, tendo começado novamente as hostilidades, o general Carlos Filangieri pacificou rapidamente a ilha, cujo commando supremo obteve.

Filangieri foi sempre em politica o antipoda do seu rival o general Guilherme Pepé, que foi toda a sua vida um patriota exaggerado e nada mais, porque cabeças melhor organisadas que a sua, se serviam do seu auxilio em favor da revolução. Em 1848, o antagonismo e a rivalidade entre ambos os generaes chegou ao seu cume. Carlos Filangieri offereceu a sua espada ao rei defuncto, e desde então se declarou francamente contra-revolucionario.

Apenas os medicos desesperaram em Caserta da saude do monarcha, seu filho, hoje Francisco II, chamou á cõrte immediatamente o general Filangieri, que não é absolutista, mas inimigo declarado da demagogia e da revolução. Ha a advertir que hoje Filangieri representa em Napoles muito da politica tory, isto é — *tudo menos a revolução e o bonapartismo*.

O BAN JELLACHICH.

O ban Jellachich morreu em Agram a 20 de Maio findo. O celebre ban da Croacia, o feld-zeugmestre conde Joseph Jellachich de Buzim, camarista e conselheiro privado do imperador d'Austria, governador militar e civil d'Agram, capitão-coronel na Croacia e Slavonia, governador e commandante geral da Croacia, Slavonia, e da Dalmacia, governador de Fiume, etc., nasceu a 16 de Outubro de 1801, em Peterwardin: em 1810 perdeu seu pae o feld-marchal-tenente barão Francisco de Jellachich de Buzim.

Ainda que entrado mui cedo ao serviço militar da Austria, estudou seriamente, distinguindo-se tambem como poeta, e, muito joven ainda, já tinha reputação de habil official.

A epoca mais brilhante da sua vida foi em 1848 e 1849, quando á frente dos povos do meio-dia da Hungria correu em soccorro do imperador ameaçado, e se cobriu de gloria ao lado do principe Windischgraetz, e do conde Radetzky. Em 20 de Abril de 1854 foi elevado de ban a conde.

Casou em 1850 com a condessa Sophia Stockan, dama da imperatriz Isabel. Não teve filhos d'este casamento.

METTERNICH.

Clemente Wenceslau Nepomoceno Lotario, principe de Metternich, nasceu em Coblenz, a 15 de Maio de 1773.

Estudou em Strasburgo as primeiras noções das sciencias e da litteratura, em companhia do celebre Benjamin Constant, e sob a protecção do professor Kock.

Na universidade de Moguncia cursou o direito, e em 1790 o favor da cõrte elegeu o moço Metternich, que pertencia a uma das mais nobres familias da Alemanha, para mestre de ceremonias na coroação do imperador Leopoldo II. Muito novo ainda, este imperador confiou-lhe em Inglaterra, e em Alemanha duas missões, que foram desempenhadas satisfatoriamente. Francisco II, fazendo justiça aos seus notaveis talentos, nomeou-o ministro plenipotenciario de Austria em Dresde, e depois em Berlim. Preparou então por espaço de dez mezes (1803-1804) aquella coallicão que a victoria de Austerlitz veiu destruir. Em 1806 veiu a França por embaixador d'Austria. Em Paris o moço Metternich obteve não só crear grande partido na cõrte, senão enthusiasmar com as suas qualidades, tão brilhantes como solidas, ao proprio Napoleão I, que teve a sincridade de acreditar que tinha no principe de Metternich um docil instrumento para dominar e subjugar por seu meio a Austria, e por via d'esta a Alemanha.

Napoleão resgatou com a batalha de Wagram a leviandade que commettera em se deixar influir do genio privilegiado, que nascera para se sacrificar com a casa imperial de Augsburgo Lorena, e de nenhum modo para consolidar em França a dynastia dos Bonapartes. Napoleão fez que a gendarmeria expulsasse do territorio francez o embaixador Metternich, considerado em Paris como demasiado perigoso; porem o diplomata conseguiu não só acalmar a irritação do capitão do seculo contra a sua pessoa, mas igualmente estreitou a distincta amizade do imperador francez nas negociações ou conferencias de Schoenbrunn. Concluido o tratado de Vienna (14 de Outubro de 1809) Metternich foi nomeado conselheiro d'estado e presidente do conselho de ministros, tendo obtido este assignalado favor por conceber o projecto de casar com a archiduetza Maria Luiza, a quem conduziu á França, e chegou a obter o que pretendia, que era romper as relações da Russia com o gabinete das Tulherias.

O revez de Moscow, e os heroicos feitos dos hespanhoes, despertaram do seu lethargo a Alemanha, e o principe de Metternich aproveitou essa conjunctura para resuscitar a Austria. No congresso que se reuniu em Praga, e na separação da Austria do imperio francez, sobresaiu admiravelmente o talento diplomatico de Metternich. A 9 de Setembro de 1813, assignou-se em Toeplitz a adhesão da Austria á coallicão europeia. N'aquelle

tempo recebeu para si, e seus descendentes o titulo de principe, e depois de ter desempenhado um papel principal, para não dizer o primeiro, nas conferencias que se celebraram até á destruição definitiva do colosso, Metternich presidiu ao congresso de Vienna (1815 — 9 de Junho), e assistiu a todos os congressos que successivamente se reuniram até que em 1826 foi nomeado presidente do conselho de ministros, e ministro dos negocios estrangeiros.

Fiel aos principios proclamados pela santa alliança, quando esta abjurou a base das suas doutrinas, sustentando a insurreição dos gregos, e destruindo em Navarino o poderio naval da Turquia e do Egypto, Metternich oppoz-se tenazmente á intervenção armada, e prophetizou desde então que teria bastante que fazer a Europa occidental e maritima para conter a Russia; e effectivamente a guerra da Crimeia foi a consequencia de Navarino.

Até á revolução de 1848 o principe de Metternich sustentou no interior da Austria, e defendeu na Europa os principios do direito divino, e protectorado catholico da sua nação.

Os movimentos hungaros e italianos, seguidos do alvoroto popular de 18 de Março em Vienna, derrubaram o omnipotente ministro. Saiu d'Austria fugitivo, e pôde não sem difficuldade passar á Inglaterra, aonde conseguiu reunir a sua familia, em quanto lhe sequestravam as suas principaes propriedades. Em fins de 1849 passou a estabelecer-se em Bruxellas, d'onde renovou as relações com os seus amigos. O triumpho, porem, da contra-revolução permittiu-lhe regressar a Vienna em 1851. O imperador Francisco José foi visital-o; no anno antecedente recebera tambem a visita do rei da Prussia na sua quinta de Johannisberg. Affirma-se que posteriormente o patriarcha da diplomacia europeia não foi completamente estranho ás inspirações da politica do conde de Buol, e muitas vezes se pronunciou o seu nome a respeito da intervenção austriaca na guerra do Oriente.

Não esqueçamos que se Metternich governou quarenta annos em paz com o seu systema favorito, hoje completamente abandonado, deveu-o ao genio extraordinario e ao profundo conhecimento que tinha dos homens e das coisas.

Duque da Portella, senhor de Johannisberg, grande de Hespanha de primeira classe, o principe de Metternich recebera pensões e condecorações de quasi todos os soberanos da Europa. O imperador da Austria concedera-lhe a honra de usar nas suas armas o escudo das da casa de Lorena. Contrahiou tres vezes matrimonio. Da primeira esposa morta em 1819 teve tres filhas. Em 1827 enlaçou-se com a baroneza de Loykam-Boilstem, que morreu dois annos depois, deixando-lhe um filho, Ricardo de Metternich, que na idade de vinte e cinco annos foi nomeado embaixador da Austria em Dresde. Finalmente, casou em 1821 com a condessa Melania de Zichy-Ferraris, que morreu em 1849, e da qual teve dois filhos, Paulo e Lotario de Metternich.

Morreu em Vienna na idade de oitenta e seis annos.

Publicaram-se, e acham-se á venda, na loja do editor, rua do Oiro n.º 109, as seguintes obras:

ALVA ESTRELLA, drama em cinco actos, por Mendes Leal Junior — Preço 300 réis.

MEMORIAS DO CORAÇÃO, romance original de A. Hogan. Este livro contem tambem uma pequenina historia intitulada — VAN-DICK — traducção do mesmo autor — Preço 240 réis.

O MENTOR DA MOCIDADE, collecção de pequenos e lindos contos, proprios para a instrucção da juventude, original de D. J. Ponce de Leon — Preço 120 réis.